

Littera Online

Número 04 - 2011

Departamento de Letras | Universidade Federal do Maranhão

VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO TEMPO VERBAL PASSADO NA FALA E ESCRITA DE ITABAIANA/SE: FORMAS DE PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NA EXPRESSÃO DO PASSADO PERFECTIVO ITERATIVO

Breno Trindade CARDOSO¹
Joilma de Lima Cruz SANTOS²

Resumo: O passado perfectivo iterativo caracteriza uma situação temporal que se estende do passado ao momento de fala, expressando-se no português pelas formas de pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto. O presente trabalho, pautando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 2007) e do funcionalismo norte-americano (CUNHA, 2008; GIVÓN, 2011), leva em conta as noções semântico-discursivas envolvidas na expressão do passado perfectivo iterativo e a correlação entre suas formas e funções. Para tanto, foram analisadas 12 entrevistas de falantes cultos itabaianenses do corpus “Entrevistas Sociolinguísticas”, e 24 textos da seção “Seja vc o repórter”, do site Itnet, um portal de informações da cidade de Itabaiana. A baixa ocorrência do fenômeno na amostra constituída fez-nos optar pela análise qualitativa de tais formas em contextos de alternância na expressão do passado perfectivo iterativo, demonstrando evidências da variação linguística na fala e escrita da comunidade de fala itabaianense.

Palavras-chave: Variação linguística. Passado perfectivo iterativo. Pretérito perfeito simples. Pretérito perfeito composto. Fala culta.

Abstract: The past perfective iterative features a temporal situation that extends past the moment of speech, expressing themselves in Portuguese for past tense forms of simple and composed past tense. This paper, basing on the theoretical and methodological principles of variational sociolinguistics (Labov, 2008; Tarallo, 2007) and American functionalism (Cunha, 2008; Givon, 2011), takes into account the semantic-discursive notions involved in iterative expression of the past perfective and the correlation between their forms and functions. To this end, 12 interviews were analyzed educated speakers itabaianenses corpus "sociolinguistics interview," and 24 texts of the "Be you

¹ Graduando em Letras-Português, Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação a Distância – CESAD. Bolsista de Iniciação Científica PICVol/UFS 2010/2011, vinculado ao projeto *Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes*. E-mail: brenotcardoso@hotmail.com

² Graduanda em Letras-Português, Universidade Federal de Sergipe, Centro Campus Prof. Alberto Carvalho. Bolsista de Iniciação Científica PICVol/UFS 2010/2011, vinculado ao projeto *Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes*. E-mail: joilma.cruz@hotmail.com



the reporter," Itnet site, a portal for information from the city of Itabaiana. The low occurrence of this phenomenon consists in the sample made us opt for the qualitative analysis of such forms in contexts of alternation in the expression of the past perfective iterative, demonstrating evidence of linguistic variation in speech and writing of the speech community itabaianense.

Keywords: linguistic variation. Iterative perfective past. Simple past tense. composed past tense. Speak cultured.

1 INTRODUÇÃO

A expressão linguística do tempo manifesta uma característica cognitiva universal: todas as línguas têm em sua gramática um componente responsável pela codificação do tempo cronológico. Na língua portuguesa, o tempo cronológico se gramaticaliza em tempo verbal, constituindo uma estratégia linguística de codificação do tempo, que, nas línguas naturais, pode ser marcado por meio de formas verbais, locuções adverbiais e também pelo contexto.

A partir do momento de fala, no português, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade estabelecidas, são descritos três tempos verbais: pretérito, presente e futuro, que, na concepção de Corôa (2005) – inspirada em Reichenbach (1947) –, determinam-se pela ordenação do momento da situação em relação ao momento de referência e ao momento do ato de fala de um dado enunciado.

Em português, o tempo passado perfectivo iterativo sinaliza que a situação que se inicia no passado não está concluída, podendo se estender até o momento da fala.

Para expressar este valor semântico-discursivo, podemos utilizar a forma de pretérito perfeito simples (PPS) como uma das formas de codificação em português, como em (1).

(1) [...] desde a oitava série do ensino fundamental eu já tinha certeza de que a minha carreira seria na área da computação. Eu ENXERGUEI a área de tecnologia em geral como uma área bastante promissora e eu estava certo. (*Fala - se ita mpI 01*)³

Essa mesma relação temporal também pode ser codificada pela forma do pretérito perfeito composto (PPC) TENHO ENXERGADO. Temos, neste caso, um

³ A sigla refere-se à identificação da entrevista integrante da amostra Entrevistas Sociolinguísticas, do banco de dados do GELINS. Para identificar a fonte do dado, as duas primeiras letras (se) referem-se ao estado (Sergipe) e as três letras seguintes (ita) à cidade (Itabaiana). As siglas seguintes ao sexo do informante (f: feminino, m: masculino), a faixa etária (p: 16-25 anos, b: 26-35 anos) e o tempo de escolarização (s: nível superior completo, I: nível superior em curso). Os números referem-se à identificação do informante.

contexto de variação, em que uma função pode ser expressa por duas formas: pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto.

O objetivo desta investigação é analisar as noções semântico-discursivas da expressão do passado perfectivo iterativo e suas formas de realização: o pretérito perfeito simples (PPS) e o pretérito perfeito composto (PPC), tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 2007) e do funcionalismo linguístico de orientação norte-americana (CUNHA, 2008; GIVÓN, 2011), a partir das amostras coletadas na fala e escrita da comunidade de fala de Itabaiana/SE. Dada a baixa recorrência dos dados da função de passado perfectivo iterativo, impedindo uma análise quantitativa nos moldes labovianos, procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados, em duas etapas: a 1ª etapa destinou-se à análise do fenômeno em dados de fala, provenientes da amostra “Entrevistas Sociolinguísticas”; e a 2ª etapa focou a análise de dados de escrita, nos textos produzidos pelos internautas do portal Itnet, na seção “Seja vc o repórter”.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a realização do estudo, foram adotados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (com as ideias de Labov (2008) e Tarallo (2007)) os quais podem ser articulados com as teorias Funcionalistas de linha norte-americana (com especial atenção às propostas de Cunha (2008) e Givón (2011)).

2.1 Sociolinguística variacionista

Os procedimentos aqui adotados têm como fundamento a metodologia da sociolinguística variacionista, também conhecida como Teoria da Variação, já que se trata da análise de dados que vão refletir o uso da língua num determinado contexto social heterogêneo.

Em 1964, o americano William Labov realizou um estudo sobre a estratificação social da realização do /r/ no inglês em Nova York, a partir do qual definiu um modelo teórico-metodológico de análise. Este modelo consiste em descrever e interpretar o fenômeno linguístico no contexto social. Nas palavras de Tarallo (2007, p.7):

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada (TARALLO, 2007, p. 7).

A Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso em uma comunidade linguística. Essa língua é heterogênea, porque não é falada igualmente por todos os membros da comunidade.⁴ Cada comunidade de fala possui características linguísticas que as diferenciam das outras.

De acordo com os estudos sociolinguísticos, a língua deve ser analisada durante seu funcionamento, dentro do contexto comunicativo de uma comunidade de fala restrita, pois é nesse momento que se percebe a relação existente entre a estrutura linguística e os aspectos socioculturais que estão embutidos nas produções linguísticas. Volta sua atenção para a função sociocomunicativa, sendo esta determinante para a identificação de grupos e das diferenças sociais de uma dada comunidade (LABOV, 2008).

A partir disso, pode-se afirmar que a variação linguística ocorre quando duas ou mais formas distintas, exercem a mesma função comunicativa, ou seja, manifestam o mesmo “significado representacional” dentro de um determinado contexto. Essas formas configuram-se como *variantes linguísticas* (que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade); o conjunto dessas variantes, é denominado *variável linguística* (TARALLO, 2007, p. 8). Segundo esse autor, observa-se que as variantes da língua geram um “caos” linguístico que “se configura como um campo de batalha em que (duas ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa [...] se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência ou, fatalisticamente, em um combate sangrento de morte” (TARALLO, 2007. p.5).

É a partir desta perspectiva que são investigadas as ocorrências do fenômeno da variação entre as formas de pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto na expressão do passado perfectivo iterativo na fala e na escrita de falantes itabaianenses.

⁴A noção de comunidade de fala adotada neste trabalho insere-se como sendo um conjunto de normas estabelecidas por determinado grupo de falantes. Essas regras não são estabelecidas por nenhum tipo de acordo referente ao uso dos elementos da língua, mas por um grupo específico de indivíduos que seguem as mesmas regras linguísticas para se comunicarem entre si (LABOV, 2008).

2.2 Funcionalismo linguístico

Considerando o estudo de uma língua como a investigação das funções desempenhadas pelos elementos, as classes e os mecanismos que intervêm nela, o funcionalismo é uma corrente teórica da linguística que entende que o estudo de um estado de língua, independentemente de toda reflexão histórica, tem valor explicativo e não só descritivo, dando ênfase à importância da função (cf. GIVÓN, 2011).

Na visão funcionalista de Givón (2011), a língua muda e se molda a partir de pressões funcionais/adaptativas, exercidas durante a performance linguística, ou seja, no momento em que a língua é adquirida e onde a gramática emerge e muda. A gramática, na perspectiva funcionalista, é entendida como um sistema adaptativo, emergente, cujas regras são motivadas no contexto comunicativo, baseadas em estratégias e princípios de uso. A linguagem na gramática funcional é compreendida como instrumento funcional e dinâmico. Funcional, pelo fato de estar preocupada com a funcionalidade do sistema linguístico dentro da situação comunicativa. Dinâmico, por admitir que a relação estrutura-função pode ser mudada devido às pressões comunicativas.

O funcionalismo apoia-se na ideia de que o papel da língua como instrumento de comunicação é essencial e, volta-se para a relação que se estabelece entre as estruturas gramaticais e os contextos interacionais nos quais elas estão inseridas, entendendo a linguagem como uma ferramenta que possibilita a interação social dos indivíduos, divergindo, assim, das perspectivas estruturalistas e gerativistas. É nesse ponto, entre outros, que se percebe a confluência entre as tendências funcionalista e variacionista. As análises com base no funcionalismo realizam-se a partir do uso real da língua, no decorrer da comunicação informal, trabalhando com dados concretos de fala, obtidos em situações comunicativas em que os falantes se expressam sem nenhum tipo de monitoramento linguístico.

Na perspectiva funcionalista, é o falante que constrói a gramática da sua língua, quando, ainda criança, entra em contato com determinados aspectos linguísticos que são difundidos na sua comunidade de fala. Assim, ocorre uma adaptação do sujeito ao seu contexto sociocomunicativo, ou seja, “a língua não constitui um conhecimento

autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas” (CUNHA, 2008, p.158).

Considerando a aderência entre os modelos funcionalista e da sociolinguística, visto que ambos lidam com a noção de língua em uso, acreditamos que juntos estes contribuem para elucidar a relação entre significados e funções ao contexto nos quais as formas de PPS e PPC se encontram.

3 O FENÔMENO EM ESTUDO E AS CATEGORIAS VERBAIS ENVOLVIDAS: TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

Nesta seção, apresentamos os valores inerentes à codificação verbal: tempo, aspecto e modalidade, para depois aplicarmos ao fenômeno em estudo: a variação de PPS e PPC na expressão de passado perfectivo iterativo. No segundo momento, apresentamos o tratamento dado pelas gramáticas normativas ao fenômeno.

Ao estudar as categorias verbais, precisamos explicitar noções semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade em virtude de sua íntima ligação ao verbo, mostrando como elas se realizam no valor de passado perfectivo iterativo em português.

3.1 Tempo

De acordo com Borba Costa (2002, p. 19), podemos distinguir essas noções tomando como base o “ponto de vista semântico, basicamente a partir da concepção do chamado tempo interno (o aspecto) diferente do tempo externo (tempo)”. Tempo e aspecto são duas categorias complexas que possuem pontos em comum, o que muitas vezes dificulta diferenciar uma da outra. Segundo essa mesma autora,

As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim (BORBA COSTA, 2002, p. 19).

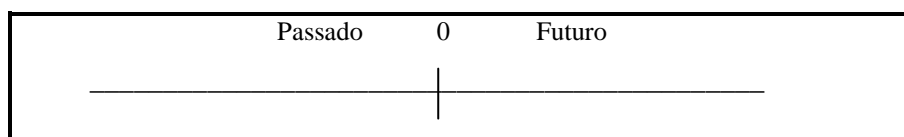
Para Jakobson,

O aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao momento de fala. [...] O aspecto quantifica o evento narrado. O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala. Assim, o

pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala. (JAKOBSON, 1957, *apud* CASTILHO, 2010, p. 418)

Adotando a premissa de Givón (2011), defendida por Freitag (2011), a categoria de tempo é o eixo do domínio funcional complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modo). Segundo Corôa (2005), os *tempora* do pretérito em português são tradicionalmente subdivididos em três – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. Apoiada em Reichenbach (1947), Corôa (2005, p. 11) estrutura os tempos verbais passados do português em função da articulação do momento do evento (ME) – momento em que se dá o evento descrito; tempo da predicação; momento da fala (MF) – tempo da enunciação; momento da realização da fala e momento da referência (MR) – ponto de referência, que segundo Freitag – (2007, p. 68), “é o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva de tempo que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME”. Cabe ressaltar que “quando não há referência contextualmente explícita, o momento de fala torna-se o momento de referência”. Tem-se, com isso, a partir do diagrama ilustrado por Comrie (1985, *apud* FREITAG, 2007, p.69):

Figura 1: Representação do tempo



COMRIE (1985 *apud* FREITAG, 2007, p.69)

No diagrama da figura 1, Comrie representa os três tempos: passado, presente (que está situado no centro do diagrama) e futuro. O presente é caracterizado como o momento da fala, tomado pelos tempos absolutos como o “centro dêitico do sistema temporal” (FREITAG, 2007, p.69). A partir dele é que podem ser estabelecidas as outras duas dimensões temporais (passado e futuro). Assim, os três tempos verbais são estabelecidos através das relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Em Borba Costa (2002, p. 17), temos que “o Tempo é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação”.

As formas de pretérito são consideradas como aquelas que refletem mais objetivamente o mundo, pelo fato de se referirem a situações já passadas, anteriores ao momento da fala “para relatar eventos, estados ou processos já acontecidos e, por isso, percebidos como mais ‘reais’ por qualquer observador” (CORÔA, 2005, p. 48).

No caso do pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto, ambos possuem a mesma definição temporal: [ME – MR, MF], onde ME é anterior ao MF e este é simultâneo ao MR, expressando o tempo passado. Mas essas formas se distinguem ao se tratar de seus valores aspectuais e pragmáticos, em que a forma de pretérito perfeito composto gramaticaliza tempo pretérito somado ao aspecto quantificacional, exprimindo a pluralidade de eventos, o que é do domínio do aspecto (cf. BARBOSA, 2008).

Levando em consideração que o falante adota como referência o momento da fala e a ausência da marca temporal gramaticalmente explícita, tendo como pressuposto que a flexão verbal indica tempo linguístico, pode-se afirmar que o tempo, enquanto categoria dêitica, é indicado pragmaticamente. Assim, o que determina o tempo passado – aqui mencionado – é a relação entre o tempo expresso na sentença (contexto linguístico) e o momento da fala (contexto extralinguístico), como temos em (2):

(2) Mas, quem for olhar os empregos da área de computação fora do Brasil, vocês vão observar que, por exemplo, nos Estados Unidos, o Engenheiro de Software é o segundo melhor emprego de acordo com (recentemente eu LI sobre o site Carrer Cast.com) que ele faz pesquisas nessa área de trabalhos, e ele leva em consideração vários fatores como renda, meio ambiente, perspectivas de emprego, exigências físicas do trabalho e estresse [...]. (*Fala - se ita mpl 01*)

Em (2), temos a ocorrência da situação descrita – a ação de ler – que é anterior ao momento da enunciação, o que caracteriza o tempo passado.

A categoria tempo é responsável pela decodificação temporal externa, mantendo uma estreita relação com o momento enunciativo e a categoria linguística, enquanto que o aspecto é uma categoria autônoma relacionada ao tempo interno da situação, conservando seus valores independentemente do tempo. “Assim, enquanto o tempo trata o fato enquanto ponto de distribuição na linha de tempo, a categoria aspecto trata o fato como passível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites” (BORBA COSTA, 2002, p.20), fazendo referência à forma como o falante percebe a constituição temporal interna de uma situação, não tendo nenhuma relação com o ponto dêitico (ponto de fala). De acordo com Ilari (2001 p.19), “dizemos que o

verbo do português exprime aspecto porque ele nos dá a possibilidade de representar o mesmo fato, ora como um todo indivisível, ora como composto por diferentes ‘fases’, uma das quais é posta em foco”.

3.2 Aspecto

No sistema linguístico do português, o aspecto se realiza morfológicamente no binômio pretérito perfeito e pretérito imperfeito, dando-nos a noção de aspecto perfectivo – que menciona os pontos iniciais e finais da situação – e imperfectivo – que menciona o seu desenvolvimento, a sua estrutura temporal interna (FREITAG, 2007). Entretanto, a noção de aspecto é muito mais complexa e envolve mais possibilidades e para que possamos determinar outras possibilidades de ocorrência de situações comunicativas em que PPS e PPC se equivalem semanticamente, é preciso especificar melhor estas nuances. Tomemos a classificação dada por Castilho (2010) em que a tipologia do aspecto divide-se em quantitativa e qualitativa, conforme a figura 2.

Figura 2: Classificação aspectual nas dimensões qualitativa e quantitativa

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

(CASTILHO, 2010, p. 420)

A perfectividade é um valor aspectual que inclui as formas verbais que indicam momentaneidade, ou seja, que a ação verbal foi concluída, representado semanticamente no verbo ou expresso pela forma verbal. O perfeito indica a ação terminada, a pontualidade, em oposição ao imperfeito, que representa a ação durativa, a ação exercida durante um espaço temporal, característico de imperfectividade, duração indicada pelo aspecto.

A compreensão do caráter aspectual perfectivo engloba os conceitos inerentes às situações pontual e resultativa. A pontualidade aspectual apresenta uma

ação verbal em que coincidem início e fim, sem que se levem em consideração as fases do seu desenvolvimento, como podemos ver em (3):

(3) Este ano que se finda foi marcante para os itabaianenses. De diversas formas, nossa cidade CONSEGUIU destaque, seja positivo ou negativo (*itnet 1*)

Podemos notar em (3) que não há referência ao decorrer da ação, mas a pontualidade da situação. Quando tratamos do aspecto resultativo, ponderamos sobre uma predicação em que se expressa apenas o resultado da ação, como notamos em (4).

(4) Penso, penso, tento refleti sempre sobre a situação da nossa querida cidade, porém tem uma pergunta que ainda não CONSEGUI obter resposta: Porque a cidade de Itabaiana continua a margem de outras cidades no tocante a divulgação e elaboração eventos culturais? (*itnet 19*)

No exemplo (4), a forma do PPS (CONSEGUI) expressa o resultado da ação de “pensar” e “refletir”, daí seu caráter resultativo.

O aspecto imperfectivo contrapõe-se ao perfectivo em virtude de ser ele responsável por representar a ação em curso, através da análise das fases do seu desenvolvimento, ou seja, enquanto no perfectivo consideramos a completude das ações expressas pelas formas de PPS, no imperfectivo notamos sua incompletude, valor que, no domínio do tempo passado em português, está associado à forma de pretérito imperfeito, como mostram Freitag (2007) e Araújo e Freitag (2010), este último com dados de fala da comunidade de Itabaiana/SE. Castilho (2010) apresenta em sua classificação da figura 3 os seguintes subtipos de eventos imperfectivos: inceptivo, cursivo ou cessativo. Entretanto, é possível termos uma situação perfectiva inceptiva, que não expressa a duração do evento, mas foca pontualmente seu momento inicial, como podemos notar na construção perifrástica com o verbo começar, em (5).

(5) Na noite da última quinta-feira (31 de março) na sede da CDL de Itabaiana a UFS Campus Prof. Alberto Carvalho COMEÇOU a colher seus frutos (*itnet 13*)

A ação perfectiva inceptiva está intimamente ligada às construções perifrásticas de infinitivo ou de gerúndio, como no exemplo acima em que a forma do PPS (COMEÇOU) é verbo auxiliar dessa construção verbal e principal responsável pela ação inceptiva.

Embora o valor de imperfectivo cursivo seja prototipicamente associado à forma de pretérito imperfeito, como já salientaram Freitag (2007) e Araújo e Freitag

(2010), podemos encontrar ocorrências da forma de pretérito perfeito em contextos em que se apresenta o estado de coisas em seu pleno curso, sem referências às fases inicial e final (CASTILHO, 2010, p. 421), como podemos ver em (6).

(6) Mas o que está em jogo entre nossos governantes não é a “igualdade social”, essa que deveria fazer com que todos tivessem a mesma oportunidade; e sim a falsa impressão da igualdade, que hoje todos podem ter acesso a uma universidade. Isso não passa de ilusão; todos independente da raça, sempre PUDERAM ESTUDAR [...]. (*itnet 17*)

Em (6), o valor imperfectivo cursivo da ação de PODER ESTUDAR é resultante da composição aspectual entre a forma de PPS e do advérbio aspectualizador “sempre”, que garante a continuidade da situação apresentada como perfectiva.

A última subdivisão do aspecto imperfectivo na tipologia de Castilho (2010, p. 423), o valor terminativo, que assinala os momentos finais de uma duração, pode também ocorrer em composições aspectuais com a forma de pretérito perfeito, em perífrases de *acabar de/por*, *cessar de*, *deixar de*, *terminar de* + infinitivo, resultando em um perfectivo resultativo.

(7) Juliana TERMINOU de fazer a atividade proposta pelo professor de Filologia Românica.

Levando em conta a face quantitativa do aspecto, tomemos a classificação dada por Castilho (2010, p. 419) em que “o aspecto tem igualmente uma face quantitativa, distinguindo-se a ocorrência singular (= semelfactivo) da ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (= iterativo)”. Os exemplos dessas duas faces quantitativas seguem em (8) e (9), respectivamente.

(8) Em 1977, o Governo do Estado INAUGUROU o Módulo Esportivo (*itnet 3*)

(9) E aí vão me perguntar o que TENHO FEITO para mudar o que já está construído (*itnet 32*)

Em (8), temos uma ocorrência de passado perfectivo pontual, o valor prototipicamente associado à forma de PPS. Observe-se que neste contexto, a intercambialidade com PPC não é possível, pois o adjunto adverbial de tempo barra a possibilidade de iteração da situação. Já em (9), as formas de PPS (FIZ) e PPC (TENHO FEITO) podem ser intercambiadas sem prejuízo semântico, na medida em que a iteração é conservada.

Assim, da classificação proposta por Castilho (2010), depreendemos que o aspecto verbal está ligado à classificação dos verbos quanto à telicidade. Enquanto os verbos télicos apresentam uma ação com início e fim coincidentes, vinculadas aos aspectos perfectivo e iterativo, os verbos atélicos denotam uma ação em que apenas o seu início é pré-determinado, o que os relaciona aos aspectos imperfectivo e durativo. Esta distinção se faz essencial para a análise da expressão do passado perfectivo iterativo, na medida em que o valor aspectual é o valor mais saliente para esta função.

3.3 Modalidade

A modalidade é a categoria que reflete a atitude do falante em relação ao que é dito, o enunciado, bem como a atitude de outrem, mas que o falante insere, por alguma razão, no que se diz. Na expressão de passado perfectivo iterativo, o valor de modalidade não é saliente, não influenciando na variação entre as formas.

3.4 O passado perfectivo iterativo

Apresentadas as noções de tempo, aspecto e modalidade, podemos definir o passado perfectivo iterativo como uma função caracterizada pela definição temporal, em que o momento do evento é posterior ao momento da fala e este, por sua vez, simultâneo ao momento de referência (ME – MF, MR). Porém, levando em conta o aspecto verbal, teremos a codificação de um tempo passado que se estende até o presente e, caracteriza-se por ações repetitivas, determinadas pela perfectividade inerente aos verbos télicos. No caso do PPC, o perfectivo iterativo constitui uma de suas faces quantitativas, em oposição ao iterativo imperfectivo que apresenta uma noção de ação contínua. Já no PPS, o aspecto perfectivo iterativo é notado a partir da influência de advérbios ou expressões adverbiais aspectualizadoras, como ocorre, por exemplo, na frase “*Sempre cheguei atrasado para as provas*”.

Barbosa (2008) realizou uma investigação diacrônica que tinha por objetivo delinear os usos do Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Perfeito Composto entre os séc. XVI e XX, tomando por escopo o Português Brasileiro, fazendo um paralelo com o Português Europeu do século XX, utilizando, para isso, dados da modalidade escrita da língua em situações de maior ou menor monitoração estilística. Barbosa levou em conta

para se fazer a análise diacrônica do PB, um total de 3129 ocorrências de pretérito perfeito, organizados de acordo com fatores como tempo real, valores aspectuais, presença e/ou ausência de adjunto, telicidade do verbo e grau de formalidade dos textos, conduzindo-a a concluir que desde o séc. XVI que a forma perfectiva iterativa das formas de Pretérito Perfeito Composto, até então exclusiva, apresentou redução da sua ocorrência, chegando a cair em desuso no séc. XX.

As situações de perfectivo iterativo nas formas de PPC podem ser definidas a partir do conceito estabelecido por Barbosa (2008, p. 80), para quem valores aspectuais básicos são o iterativo ou o durativo, dependendo da interação auxiliar + verbo base, no caso da nossa análise, levando-se em conta verbos que denotam iteração ao lado da completude do seu auxiliar, como podemos notar em (10) e (11).

(10) Há poucos dias TENHO PERCEBIDO um tímido movimento de setores políticos da sociedade sergipana e parte da imprensa - mais notadamente, a esportiva - em relação a uma possível mudança no nome do Estádio Presidente Médici, em nossa cidade. (*itnet 29*)

(11) Então com a expansão né? a gente tem um número maior de vaga e a melhora vai ter mais alunos universitários e é um indicio de... como Itabaiana está no centro de Sergipe por causa da expansão da universidade Itabaiana TEM TIDO a vantagem de não ter esse deslocamento tão grande para o litoral (*Fala – se ita mp lq 10*)

Estes são usos sincrônicos, extraídos de amostras de fala e de escrita da comunidade de Itabaiana/SE. Na investigação aqui empreendida, buscamos cotejar se as constatações de Barbosa (2008) para a diacronia são ainda persistentes na amostra sincrônica sob análise. Antes, porém, é importante verificar o que dizem as gramáticas sobre a expressão do passado perfectivo iterativo em português.

3.5 A descrição do fenômeno nas gramáticas

Ao tratar do pretérito perfeito, Perini (2010) menciona que este focaliza os limites temporais da situação descrita, onde princípio e fim são definidos. Já Castilho (2010, p. 431) afirma que o pretérito perfeito representa os estados de coisas completados no passado, ressaltando que “o termo *perfeito* usado na nomenclatura dessa forma remete ao aspecto perfectivo” (CASTILHO, 2010, p. 431), que se refere a uma situação apresentada como aspectualmente fechada, sem referência à sua estrutura

interna, emitindo a perspectiva global da situação, o que indica a conclusão da ação verbal, ou seja, a ação terminada; vejamos no exemplo (12).

(12) Eu sempre TENTEI realizar a matemática de uma forma mais atrativa, isso, tentei ser amiga, ter uma boa relação com meus alunos e apesar deles não gostarem, não gostarem inicialmente de matemática, me sentir com carinho e sentir confiança no que eu passo [...](*Fala - se ita fpI 02*)

Podemos admitir que essa mesma relação pode ser codificada pela forma de pretérito perfeito composto (TENHO TENTADO) que, segundo esse mesmo autor “indica uma anterioridade que se estende até o presente” (CASTILHO, 2010, p. 434).

Segundo Perini (2010), a forma do pretérito perfeito composto formado com o auxiliar TER + particípio verbal é usado para exprimir diversos matizes aspectuais. A construção com o auxiliar TER no presente mais o particípio verbal, indica um evento que começou no passado e continua sem interrupção até o presente, como em (13):

(13) [...] todo mundo poderia melhorar mais no que a gente já fez e se eu voltasse no passado com certeza teria sido melhor do que eu fui hoje, mas eu acredito que isso só o tempo dirá que todo o esforço que eu fiz no curso desde o início eu acho que eu vou conseguir colher os frutos que eu TENHO PLANEJADO [...] (*Fala - se ita mpI 01*)

Para Castilho (2010, p. 426), a forma composta – verificada em (4) – expressa o aspecto iterativo, que “representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo”. Nesse cenário, temos o pretérito perfeito composto como uma das vertentes da iteração: iteração e flexão modo-temporal. A iteração codifica uma situação que é repetida em um intervalo de tempo determinado (FREITAG, 2007, p. 77). Assim, quando o falante utiliza a forma composta TENHO PLANEJADO, enfatiza-se a repetição de uma ação, um acontecimento do passado que se expande até o momento presente. Em outras palavras, ele continua realizando a ação (planejar).

Descritas as noções de tempo, aspecto e modalidade, e apresentado o tratamento que as gramáticas normativas dão ao passado perfectivo iterativo, na próxima seção são expostos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados analisados fazem parte do Banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS, que teve origem no ano de 2007, e que busca auxiliar pesquisas linguísticas no agreste sergipano, considerando a relação existente entre língua e sociedade. Para a análise do fenômeno da expressão variável do passado perfectivo iterativo em suas formas de pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto foram selecionadas amostras de fala e de escrita de falantes itabaianenses.

A amostra *Entrevistas Sociolinguísticas* é composta por 12 entrevistas realizadas nos moldes da sociolinguística variacionista. Os entrevistados foram selecionados de acordo com os seguintes parâmetros: a) Preferencialmente deve ter nascido em Itabaiana/SE e ser filho de pais também nascidos nesta localidade; b) Ter morado na cidade a maior parte de sua vida; c) Deve ser uma pessoa que não cause estranheza a outros moradores da região; d) Preferencialmente só fale português (mesmo que entenda outra língua).

As entrevistas foram conduzidas seguindo “um roteiro ou módulo de perguntas” (TARALLO, 2007, p. 22), Os informantes são de nível de escolarização superior (universitários) de Itabaiana/SE. Cada entrevista possui cerca de 45 a 60 minutos de duração, o que corresponde a cerca de 5.000 a 8.000 palavras.

Os dados de escrita têm como origem a amostra de escrita culta constituída por 24 textos produzidos pelos internautas do portal Itnet – um portal de informações da cidade de Itabaiana – para a seção “Seja você o repórter”. As informações sobre a escolarização do informante são recuperáveis porque estes se identificam. Vejamos, na figura 3, um exemplo dos dados extraídos do portal Itnet.

Figura 3: Amostra de dados de escrita extraídos do corpus Itnet

29-12-2010 às 08:33 h
DE OLHO NO PRÓPRIO UMBIGO. (Tema: Recuperação do açude da Marcela)
 Do conhecimento abstrato a vivências concretas.
 Matéria enviada por **Danilo Moura** em **28/12/2010 às 11:47:00**





De que adianta eu tentar compreender o mundo se não enxergo meio metro além de mim? De que adianta eu incentivar os meus alunos na busca de um tão sonhado equilíbrio ambiental se somos “incapazes” de cuidar de um açude (...) tão perto, tão importante e ao mesmo tempo tão esquecido e degradado? De que adianta incentivar o combate ao tráfico e/ ou a caça de animais da Amazônia, se aqui os nossos são deixados à mercê de uma possível extinção? Como posso me indignar com a poluição do rio Tietê, se meu próprio quarto serve de habitat para insetos e ratos?


Sei que como educador, devo ir além dos livros adotados pela escola. Sei também da importância de cada conteúdo, região do país e/ou do mundo. Sei que o professor pode e deve incluir a realidade local em seus planos de aula (*Acredito ser fundamental o aluno ter como referência o espaço local*). Mas, de que adianta eu saber de tudo isso? A verdade é que pouco se faz a esse respeito. É um planejamento anual a ser cumprido. Um livro didático que deve ser trabalhado por completo. (*Mesmo que ele não possua um grau de adequação à realidade local considerado satisfatório*). Parte do que escrevo aqui, sem dúvida vem da minha vida escolar e de várias observações que fiz durante minha graduação na própria universidade ou em escolas durante os estágios. A outra parte, sem dúvida, vem de uma autocrítica.

Precisamos (falo em sociedade e não, apenas, na instituição escola) olhar para o nosso umbigo. Quando pensar em preservação da água, por que não começar lutando e contribuindo para a recuperação do açude da Marcela? Se eu quero evitar a morte de animais por atropelamento, por que ainda vou para o Parque Nacional Serra de Itabaiana de automóvel e não tenho cuidado algum? E pior, deixo dezenas de embalagens espalhadas no chão mesmo encontrando várias lixeiras? Por que viajar quilômetros e quilômetros para apreciar a natureza pagando, muitas vezes, muito além de uma visita ao parque dos falcões? O do vizinho, nesse caso, tem mais valor? Claro que não.

Agindo assim, viveremos de conhecimento abstrato e a sensação de incapacidade tornar-se-á componente do nosso organismo vivo. E sem vivências concretas, no nosso sangue circulará o hormônio da indiferença. Passaremos a respirar o gás da causa perdida. E talvez, só reste a esperança. Como diz o ditado popular: “A esperança é a última que morre.” Mas ele não diz quando morrerá: Espero que não seja tão perto quanto aparenta. Por isso, leciono.

Professor Danilo Moura. Graduado em Biologia/ UFS Itabaiana.
 (Acessem meu blog: www.formandocomciencias.zip.net)

 [Comentar](#)
 [Indicar](#)
 [Imprimir](#)
 [Ler Comentários](#)


[Seja o VC Repórter da ITnet. Envie sua matéria, denúncia ou flagrante.](#)

SEJA VC O REPÓRTER, 2011(Disponível em

http://www.itnet.com.br/col.php?mat_id=15052&col_id=1 acessado em 21/05/2011)

O texto da figura 3 foi extraído da seção “Seja você o repórter” do site www.itnet.com.br, que apresenta uma flexibilidade de temas a serem publicados e de

adequação à variedade padrão da língua portuguesa, contrapondo-se à variedade falada no *corpus* de análise “Entrevistas Sociolinguísticas”, produzido por indivíduos com ensino superior completo ou em processo de graduação.

O contínuo de monitoração estilística, influenciado por fatores como o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa, descritos por Bortoni-Ricardo (2004, p.63), interferem em uma maior flexibilidade na produção dos textos do site da Itnet, no tocante às gramáticas normativas, enquanto na amostra “Entrevistas Sociolinguísticas”, por serem alunos graduandos ou graduados, entrevistados por estudantes universitários, há maior adequação do uso da língua, escrita ou falada, à variedade padrão da língua.

5 PPS vs. PPC NA FALA

A partir das coletas feitas para o desenvolvimento desse trabalho, analisando as 12 entrevistas sociolinguísticas que compõem a amostra de fala, verificamos baixa recorrência da função de passado perfectivo iterativo: apenas 19 ocorrências no total. Nestas poucas ocorrências encontradas, verificamos ainda que, para o desempenho desta função, a forma de PPS é predominante, computando 14 ocorrências, muito mais recorrente do que a forma de PPC, com apenas 5 dados. Convém ainda destacar que dos 19 dados obtidos, 11 foram realizados pelo mesmo informante. Assim, a análise quantitativa ficaria muito tendenciosa (baixa recorrência do fenômeno e concentração em um único informante), motivo pelo qual optamos pela análise qualitativa. Entretanto, apesar da escassez de dados da função e da escassez de formas de PPC, é possível realizar a intercambialidade pela forma de PPS, como ilustrado em (14):

(14) [...] eu acho que o trabalho de campo é muito importante em todos os trabalhos de campo que eu VIVENCIEI eu acho que contribuiu muito para minha formação chega as vezes a ser muito cansativo porque não se resume em apenas em um dia dois vai três quatro dias mas eu acho que compensa [...] (*Fala - se ita mpI 03*)

Em (14) o falante utilizou a forma de PPS (VIVENCIEI), mas verificamos que a forma de PPC (TENHO VIVENCIADO) pode também ser utilizada, sem prejuízo no valor aspectual, tratando-se de uma escolha que, independente da forma utilizada, não altera o contexto comunicativo, comprovando a compreensão de Labov (2008) acerca da língua ao dizer que esta é compreendida a partir de ‘um sistema de regras variáveis’ no qual os falantes que integram as comunidades de fala utilizam, no contexto

comunicativo, diferentes formas linguísticas. A escolha das formas utilizadas muitas vezes se mostra inerente aos fatores condicionantes, sejam eles internos ou externos à língua, assim a alternância das formas ocorre em função do contexto que as favorece. O mesmo se observou no exemplo (1), reescrito em (15) a seguir:

(15) [...] desde a oitava série do ensino fundamental eu já tinha certeza de que a minha carreira seria na área da computação. Eu ENXERGUEI a área de tecnologia em geral como uma área bastante promissora e eu estava certo. (*Fala - se ita mpI 01*)

Observa-se que é possível a alternância entre a forma de PPS (ENXERGUEI) com a forma de PPC (TENHO ENXERGADO). Porém, não são todos os casos de PPS que podem ser alternados com PPC, uma vez que esta forma (PPS) é altamente produtiva em outros contextos, como o de passado simples e de passado anterior (cf. SANTOS, 2010). Observe-se que a alternância entre as formas de PPS e de PPC não ocorre em (2), reescrito em (16):

(16) Mas, quem for olhar os empregos da área de computação fora do Brasil, vocês vão observar que, por exemplo, nos Estados Unidos, o Engenheiro de Software é o segundo melhor emprego de acordo com (recentemente eu LI sobre o site Carrer Cast.com) que ele faz pesquisas nessa área de trabalhos, e ele leva em consideração vários fatores como renda, meio ambiente, perspectivas de emprego... (*Fala - se ita mpI 01*)

No exemplo (16), diferentemente de (14) e de (15), a forma de PPS codifica uma situação apresentada como acabada e sua ocorrência está restrita ao tempo passado, não perdurando até o presente, como nos exemplos anteriores.

Nos exemplos (14) e (15), os verbos das formas de PPS são verbos télicos, pois, apresentam um ponto final definido. Nestas composições aspectuais, o valor que a forma de PPS assume é o valor de passado perfectivo iterativo, ou seja, refere-se a uma situação que ocorre mais de uma vez, apresentando-se como um passado que perdura até o presente. Por outro lado, observe-se (17), uma das poucas ocorrências obtidas de PPC na fala:

(17) [...] em meu trabalho de conclusão de curso eu vou utilizar muitos conceitos de Inteligência Artificial que é uma área que gosto bastante, que me identifico bastante e que TENHO ESTUDADO bastante pesquisado bastante sobre isso e praticamente tenho quase certeza que essa será a área que eu vou investir no meu Mestrado, no Doutorado e etc. (*Fala - se ita mp lq 13*)

O verbo *estudar* configura-se, nesta situação, como um verbo atélico, pois não se consegue definir o seu ponto final, o seu ponto de culminação. Assim, a leitura aspectual de (17) pode ser feita como uma sucessão de ações de estudar, do momento

afixado no passado até o momento presente, o momento de fala. O fato de o verbo não apresentar um ponto de culminação e a sequência de eventos dentro de um tempo definido que configura a iteração dá a impressão de que esta situação é durativa, o passado que perdura até o presente. Veja-se que a cambialidade com a forma de PPS (ESTUDEI) não altera o valor aspectual.

Como dissemos na seção 3, o aspecto não é marcado apenas pelas formas verbais: os advérbios aspectualizadores (CASTILHO, 2010) também influenciam na composição aspectual do passado perfectivo iterativo, como podemos observar em (18):

(18) então o meu maior plano é o do mestrado vou tentar em outras universidades fora de Sergipe... depois eu vou pretendo o doutorado pra me tornar efetiva porque eu sou professora substituta e espero conseguir tudo isso é muita coisa (hes) todas as pessoas toda vida FALARAM isso (*Fala - se ita fp lq 09*)

Em (18), a forma verbal de PPS compõem junto com a expressão adverbial aspectualizadora “toda vida”, o valor de ação que se estende desde o passado até o presente, sem delimitação das situações inicial e final.

Como vimos, na fala de informantes cultos itabaianenses, apesar da baixa recorrência, a função de passado perfectivo iterativo configura-se como um fenômeno variável, haja vista a ocorrência das formas de PPS e de PPC, e a intercambialidade das formas na expressão da função.

6 PPS vs. PPC NA ESCRITA

A análise dos textos publicados no site www.itnet.com.br na coluna “Seja vc o repórter” apontou 13 ocorrências de PPS e apenas duas ocorrências do PPC na função de passado perfectivo iterativo. Este resultado, de certa forma, reflete os resultados alcançados por Barbosa (2008), que conseguiu demonstrar em sua investigação que o PPC que se trata de uma forma pouco produtiva. Observe-se (19).

(19) E aí vão me perguntar o que TENHO FEITO para mudar o que já está construído (*itnet 32*)

A forma de PPC em questão (TENHO FEITO) pode ser intercambiada pela forma de PPS (FIZ) sem prejuízo da intenção apresentada pelo autor daquele texto

Tais possibilidades de equivalência semântica entre as formas de PPS e PPC são vinculadas ao traço de telicidade do verbo: verbos télicos permitem uma expressão de passado perfectivo iterativo. O mesmo pode ocorrer em (10), reescrito em (20).

(20) Há poucos dias TENHO PERCEBIDO um tímido movimento de setores políticos da sociedade sergipana e parte da imprensa - mais notadamente, a esportiva - em relação a uma possível mudança no nome do Estádio Presidente Médici, em nossa cidade. (*itnet* 29)

Vejamos, agora, as ocorrências de PPS na expressão de passado perfectivo iterativo obtidas na amostra de escrita.

(21) Itabaiana começa a dar os primeiros passos contra o crime. Grandes apreensões de bandidos e traficantes, tudo isso RESULTOU num menor número de homicídios em relação a 2009. Mas há muito a se fazer, a começar na educação e no esporte, melhor caminho para essa juventude (*itnet* 1)

Em (21), a forma de PPS (RESULTOU) poderia ser substituída sem perda semântica, pela forma de PPC (TEM RESULTADO).

Avaliando qualitativamente as ocorrências que compõem o banco de dados dessa pesquisa, observamos que há maior incidência do aspecto perfectivo iterativo na fala que na escrita, independente da modalidade, como também notamos o predomínio da forma de PPS sobre a forma de PPC.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi verificar as realizações do valor do passado perfectivo iterativo, com as formas de pretérito perfeito simples e de pretérito perfeito composto, na comunidade de fala de Itabaiana através de dados coletados através de “Entrevistas Sociolinguísticas” e da produção escrita divulgada pela seção “Seja vc o repórter” do site da internet www.itnet.com.br.

A análise empreendida aponta que PPS e PPC podem apresentar a mesma identificação semântica em um mesmo contexto comunicativo, colaborando para os estudos que ampliam o escopo da noção de variável linguística (LABOV, 2008; TARALLO, 2007) para além da fonologia. Embora a baixa recorrência dos dados não tenha nos permitido realizar uma análise variacionista clássica, a observação qualitativa permite constatar que esta variação recebe a influência, principalmente, de fatores como valores aspectuais, presença e/ou ausência de adjunto, telicidade do verbo e grau de formalidade dos textos, fatores que também exerceram influência nos resultados obtidos

por Barbosa (2008). E, assim como constatou Barbosa (2008), também verificamos a prevalência da forma de PPS ante a de PPC na expressão do tempo passado perfectivo iterativo na fala e na escrita de Itabaiana/SE.

A compreensão aspectual das formas verbais é de fundamental importância para que possamos adentrar em outro campo de análise dos usos das formas verbais, sem nos atermos apenas ao tempo externo (tempo), trazendo para o conhecimento do professor de Língua Portuguesa, discussões sobre o tempo interno (aspecto).

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Andréia Silva; CARVALHO, Eliana dos S. Silva; SANTOS, Joilma Cruz; FREITAG, Raquel Meister Ko. A expressão do tempo verbal passado no português: a descrição dos compêndios gramaticais. **Interdisciplinar**, n. 5, v. 12, p. 257-269, Jul/Dez. 2010.
- ARAUJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: formas de pretérito imperfeito e perífrase na expressão do passado em curso. **Scientia Plena**, v. 6, p. 125801, 2010.
- BARBOSA, Juliana Bertucci. **Tenho feito/fiz a tese uma proposta de caracterização do Pretérito Perfeito no Português**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2008.
- BORBA COSTA, Sônia Bastos. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna** - sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. Contexto, 2010.
- CORÔA, Maria Luzia. **O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Variação em categorias verbais: correlações entre forma e função. **Estudos Linguísticos**, v. 40, n.1, 2011.
- GIVÓN, Talmy. **Compreendendo a gramática**. [coord. trad. Maria Angélica Furtado da Cunha] Natal: EdUFRN, 2011.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- SEJA VC O REPORTER. Disponível em http://www.itnet.com.br/col.php?mat_id=15052&col_id=1 acessado em 21/05/2011.